

Daqui em diante, portanto, será usada a língua portuguesa como instrumento de realidade, isto é, de articular, em palavras e frases portuguesas, a *língua*. Será feita, pois, abstração da diversidade das línguas. O leitor deverá preencher, constantemente, esse vácuo deixado pela abstração, se quiser alcançar a visão da língua que aqui está sendo esboçada. Lamentavelmente a abstração é necessária, já que não é possível pensar nem escrever um livro simultaneamente em diversas línguas.

3. A Língua Cria Realidade

Nas duas primeiras partes deste trabalho procurei juntar argumentos e ilustrações em favor da hipótese fundamental que agora posso formular da seguinte maneira: o caos irreal do poder-ser, do vir-a-ser, do potencial que tende a realizar-se, o qual estamos acostumados a chamar de *realidade*, surge à tona, aparece ao intelecto, organiza-se em cosmos, em breve: realiza-se nas formas das diversas línguas. Inversamente, o caos irreal do poder-ser, aquele conjunto de potencialidades que estamos acostumados a chamar de instintos, vivências inarticuladas, impressões sensuais, em breve: o subconsciente, surge à tona, organiza-se, torna-se intelecto e objetiva-se, isto é, realiza-se na forma das diversas línguas. Em outras palavras: as diversas línguas são as formas nas quais as potencialidades do *Eu* e do *Não-eu* se realizam, ou: o *Eu* e o *Não-eu* são os horizontes ontológicos (as situações de limite) de toda língua. Essa

hipótese fundamental tem por consequência imediata a eliminação do *Eu* e do *Não-eu* do território de toda discussão, por serem ambos *ex hypothesi* extralingüísticos e portanto indiscutíveis. Entretanto, por serem ambos horizontes da língua, são ambos aquilo para que toda discussão tende. O *Eu* e o *Não-eu*, justamente por serem ex-tralingüísticos, são a meta indiscutível em direção da qual a discussão (que é o conjunto das línguas) se expande. O *Eu* to *Não-eu* são as duas faces daquele *nada* que, de acordo com o pensamento existencial, *estabelece* (*herstellt*) o Ser. Surge, pois, a seguinte situação: o conjunto das línguas, este conjunto das potencialidades realizadas, surge do nada do *Eu* e *Não-eu* e expande-se em direção do mesmo nada. Tem sua origem no nada e procura este nada. A grande conversação da qual participamos e que é toda a realidade vem do nada e trata do nada. Entretanto esta afirmação não tem mais, a esta altura da discussão, nenhum sabor de derrota ou de desespero. O *nada*, longe de ser um conceito vazio e negativo, torna-se um superconceito sinónimo do *indizível*. Reformulando, portanto, podemos dizer que a grande conversação que somos surge do *indizível* e trata do *indizível*. Creio que com esta frase ficou delimitado o território da língua. Esta frase, que é uma tentativa de formular um pensamento que já quase não é mais pensamento, esta frase que tende, pois, a superar-se a si mesma, aniquilando-se nessa tentativa, parece ser, por isto mesmo, paradoxal, de um lado, e tautológica, do outro. Que a conversação vem do *indizível* e dele trata parece paradoxal porque parece dizer que a conversação discute o indiscutível. E parece tautológica porque parece dizer

que a conversação significa algo além de si, a saber, o *significado*. Sendo, entretanto, *indizível* sinónimo de *nada*, o paradoxo e a tautologia aparente da frase se dissolvem. Para quem acompanha o argumento atenta e pacientemente, deve ter-se tornado claro que seus dois polos, entre os quais ele oscila, são justamente o paradoxo e a tautologia. Necessariamente, porque é um argumento que vibra entre os dois horizontes da língua. Chocando-se contra um, torna-se aparentemente paradoxal. Af volta e choca-se contra o outro, tornando-se aparentemente tautológico. Contudo, no processo de oscilação, progride. A frase acima formulada representa o limite desse progresso. Sendo ao mesmo tempo aparentemente paradoxal e tautológica, ela exprime, conforme creio, aquilo que mais se aproxima de uma definição tanto da língua como da realidade. Quero dedicar o resto deste trabalho a uma análise desta frase.

Repito: a grande conversação que somos, e que é toda a realidade, surgiu e sempre surge do *indizível*, do *nada*, e tende para isso (isto é, significa) o *indizível*, o *nada*. Esse *nada*, esse *indizível*, que é, portanto, o Alfa e o Ômega da conversação tenta, no curso da conversação, infiltrar-se, articular-se, tarefa *ex definitione* impossível. É neste sentido que devemos interpretar a afirmação de Wittgenstein de que a história do pensamento humano é a coleção das feridas que esse pensamento acumulou ao precipitar-se contra as fronteiras da língua. Durante essa tentativa de infiltração adquire o *nada* diversos nomes. *Objetivamente* se chama *coisa em si*, o *de tudo diferente*, o *Não-eu*. *Subjetivamente* se chama *espírito*, *sujeito*, *Eu*. São tentativas de dar nome ao

inarticulável. Essas tentativas são responsáveis pelos chamados *problemas eternos* do pensamento: eternos por insolúveis. E uma das vantagens da plataforma que escalamos com nossa frase poder distinguir o dizível do indizível. Assim, delimitamos o território da discussão, atribuímos à razão discursiva uma região limitada, embora em expansão. E reconhecemos regiões que, embora progressivamente penetradas pela razão discursiva (na medida em que a língua se expande), não são ainda, e quiçá nunca o serão, em sua totalidade, discursíveis. Essas regiões, por serem anteriores ou posteriores à língua, são irrealis, são nada. Mas é aquela irrealidade, aquele nada, que estabelece a realidade, e neste sentido é uma irrealidade mais básica, ou superior à realidade. Ao realizar-se na língua, o intelecto perdeu essa irrealidade superior à realidade e procura reconquistá-la, superando a língua. Sendo *intelecto* realizado, entretanto, somente um nome *subjetivo* da língua, devemos dizer que a língua, como um todo, é um processo de realização que tende a superar-se a si mesmo. A língua, essa realização do potencial, expande-se na direção do supra-real e deixa de ser língua neste avanço. O calar-se amorfo da potencialidade, do qual a língua surge, cede lugar ao calar-se superconcentrado da indiscursibilidade, dentro do qual a língua se perde. Trata-se de dois silêncios diferentes, embora ambos signifiquem *nada*. É, de um lado, o silêncio do ainda não articulado, o calar-se do animal e do cretino, e, do outro lado, o silêncio do já não mais articulável, o calar-se de um S. Tomás, de um Wittgenstein, do Buda. Se encaramos a língua como um processo de realização, devemos

vislumbrá-la como algo que se condensa, gradativamente, a partir do calar-se animalesco, para evaporar-se de novo, dentro do calar-se supra-intelectual. Os estágios dessa condensação e evaporação são observáveis. A partir do primeiro balbuciar infantil ou idiótico, até o último balbuciar sibilino ou super-simbólico, a língua pode ser acompanhada e observada. Não se trata, porém, de um processo simples e de fácil interpretação. Não é um processo unilinear e de direção bem definida. A evaporação da língua para dentro do supra-real processa-se em diversas direções e perde-se em *nadas* diversos. O calar-se de Wittgenstein é um silêncio diferente do calar-se do Buda. O balbuciar do mistagogo é diferente do balbuciar de Moisés. O supersimbolismo dos místicos é diferente do supersimbolismo dos matemáticos. A estrutura pura e significando *nada*, que é uma tentativa de superar a língua feita pela pintura moderna, é diferente da estrutura pura que é uma tentativa de superar a língua feita pela análise lógico-simbólica moderna. A língua expande-se em direções diferentes e tende a superar-se de maneiras diferentes. Também diferentes são os insucessos dessas tentativas. A arte inautêntica, o falso misticismo, o simbolismo falso de uma mitologia artificial e a salada de palavras da demagogia e da loucura são formas diferentes de tentativas frustradas. A dificuldade reside em distinguir essas diversas fases da língua. É o que tentarei fazer neste capítulo.

O primeiro capítulo deste trabalho pode ser considerado como a tentativa de fazer um corte transversal através da língua, pondo a nu as diversas línguas e estabelecendo as

relações entre elas. O segundo capítulo pode ser considerado como a tentativa de descobrir a estrutura da língua, pondo a nu seu esqueleto. O terceiro capítulo será a tentativa de fazer um corte vertical da língua, pondo a nu o seu crescimento. Tomando de empréstimo conceitos biológicos, poderia dizer que o primeiro capítulo é a tentativa de uma morfologia, o segundo de uma anatomia, e o terceiro de uma fisiologia das línguas. Com este paralelo em mente, ofereço à contemplação do leitor o gráfico anexo (pág. 222). O polo sul desse gráfico representa a transição a partir da língua para a irrealidade; o equador representa aquilo que normalmente chamamos de *conversação*, é o centro da língua e o estágio intermediário entre as duas irrealidades. O clima do hemisfério sul é o clima do *agente (man)*; no sentido existencial, é o clima da inautenticidade que progride em direção do polo. O clima do hemisfério norte é o clima do *agido (es)*; no sentido existencial, é o clima da autenticidade que progride em direção do polo. O eixo que une os dois polos é a linha ao longo da qual a língua se projeta a partir do calar-se autêntico, ou vice-versa, ao longo da qual a língua decai em direção do calar-se inautêntico. As diferentes zonas climáticas são tentativas de representar diversas camadas da língua. O centro do gráfico representa a língua *sensu stricto*, isto é, o conjunto de símbolos, chamados, no território das línguas flexionais, *palavras*. O Extremo Oriente representa o mundo dos símbolos fundamentalmente auditivos, a *música*, portanto. O Extremo Ocidente representa o mundo dos símbolos fundamentalmente pictóricos, as *artes plásticas*, portanto. Estes conceitos querem ser entendidos com aspas.

Em seu conjunto o gráfico representa a língua *sensu lato*. Naturalmente o gráfico é uma projeção Mercator, representa um globo. *Música* e *artes plásticas* encontram-se às costas do gráfico. Peço ao leitor não considerar o gráfico como tentativa de ilustrar a realidade, mas meramente como tentativa de ilustrar o progresso do argumento deste capítulo. Pretende ser um índice gráfico do capítulo. Se, além disso, conseguir provocar novas associações na mente do leitor, terá mais que preenchido seu objetivo.

L Conversação e conversa fiada

Convido o leitor a considerar as duas zonas adjacentes ao equador, as quais chamei de *conversação* e *conversa*. São essas as duas camadas que geralmente temos em mente, quando falamos em *língua*, embora as consideremos como sendo uma única. Evidentemente, são camadas muito amplas. A camada da conversação abrange processos que variam da conversação entre comprador e vendedor no mercado até a conversação progressiva que é chamada *ciência*. A camada da conversa abrange processos que variam do bate-papo entre duas vizinhas até aquela enorme conversa fiada que nos inunda na forma da propaganda comercial e política e das produções pseudo-artísticas do cinema, das revistas ilustradas e do romance. Embora a primeira seja autêntica e a outra falsa, são bastante parecidas para serem tratadas no mesmo parágrafo. Essas camadas consistem de redes que podem ser consideradas, subjetivamente, como formadas por intelectos que irradiam e absorvem frases, e, objetivamente, como for-

madras por frases que se cruzam em intelectos. Na camada da conversação esse processo de irradiação, absorção e cruzamento é autêntico. Formam-se frases, isto é, surgem *informações*, e estas são emitidas e tornam-se *mensagens*. Os intelectos são os lugares dentro da conversação onde as informações surgem ou são acumuladas. Uma nova ciência, a cibernética, estuda esses processos, sem dar-se conta, conforme creio, do território exato do seu estudo: da camada *conversação* da língua. Como resultado dessa nova ciência, cérebros eletrônicos estão prestes a participar dessa camada da língua, tornando-se, neste sentido, algo restrito: *intelectos*. Quando Heidegger disse que *somos uma conversação que começou com os gregos*, possivelmente não tinha previsto a entrada desses novos participantes. Entretanto, se bem interpreto Heidegger, ele usa a palavra *conversação* num sentido mais lato que o empregado aqui, usa-a no sentido que corresponde à nossa palavra *língua*. Os cérebros eletrônicos não serão *Dasein* (existências) no sentido heideggeriano, mesmo participando, como provavelmente participarão (*horribilevisu*) da nossa conversação plenamente. Isto porque as camadas superiores da língua lhes serão eternamente vedadas.

A constante formação de novas frases, isto é, o constante reagrupamento de palavras de acordo com as regras de diversas línguas em formações novas, o surto, portanto, de sempre novas informações, faz com que o território da conversação cresça constantemente. Neste sentido a conversação é produtiva. Ela expande o território da realidade e lhe submete novas regiões de relações antes não estabelecidas. O progresso das ciências é a forma mais evidente, e mais rápida, dessa produti-

vidade. Com efeito, a ciência é a conversação em sua forma mais perfeita e rigorosa. Os elementos da língua são, durante esse tipo superior de conversação, constantemente reagrupados pelos intelectos participantes, em busca consciente de novas frases que obedeçam às regras da língua científica, a matemática. Os intelectos participantes não estão ainda plenamente conscientes de que os elementos com os quais operam são linguísticos e as regras às quais se adaptam são gramaticais (isto é, matemáticas); ainda são propensos a declarar, com ingenuidade, que os elementos são *naturais* e as regras *leis naturais* (sem poder definir a palavra *natural*, evidentemente). Todavia, o aspecto *conversação* da atividade científica torna-se sempre mais evidente até aos intelectos dela participantes. Já a frase newtoniana *Deus é matemático* parece indicar esta direção. Einstein, em muitas de suas reflexões parafilosóficas, aproxima-se bastante dessa visão da atividade científica. Considera, por exemplo, que a vantagem do sistema moderno da física sobre o newtoniano é uma *vantagem de linguagem* (*vorteilhaftere Schilderungsform*), que reside, principalmente, em economia de termos (*Begriffsoekonomie*). O famoso aforismo einsteniano *Deus não joga dados* (*Gott wuerfelt nicht*) adquire, em português, um significado ainda mais profundo que o pretendido. Einstein quis dizer que os *dados*, isto é, pedras de jogar, não são protótipos dos fenômenos da natureza, porque esta obedece a regras preestabelecidas. Em português surge o segundo sentido de *dados* como matéria-prima do conhecimento. Menciono isto a título de curiosidade, como exemplo de uma ironia (quem sabe sabedoria?) espontânea da língua.

O aspecto *conversação* da atividade científica torna-se evidente em todos os seus ramos, à medida que este tipo de conversação progride. A pergunta ingênua, fruto de uma metafísica primitiva, do tipo *o que é realmente um átomo*, ou *o que é realmente um gene*, ou *o que é realmente uma sublimação*, ou *o que é realmente uma sociedade*, é o tipo de pergunta cada vez menos formulada pelo cientista. Dou duas respostas a este tipo de perguntas que demonstram o despertar da auto-compreensão da ciência: Eddington: “Éter é o substantivo do verbo: oscilar.” Russell: “o átomo é parte da matéria, da mesma forma que o m é parte da maçã.”

A ciência é uma forma especialmente desenvolvida e concentrada de conversação. Nela são formuladas frases com o propósito consciente de *descobrir* novas informações, isto é, são feitas tentativas conscientes de estabelecer novas relações entre os elementos da língua, em conformidade com as regras. Um tipo de filosofar (um tipo inferior, conforme creio) é outra forma de conversação neste sentido. O representante mais consciente deste tipo de filosofar, parece-me, é Occam. Não somente por ser ele um típico *nominalista* no sentido medieval da palavra, isto é, relegando toda matéria do pensamento, exceção feita aos *particulares*, ao território da língua. Mas principalmente por seu conceito conhecido por *Occam's Razor* (navalha de Occam), de acordo com o qual o progresso do pensamento reside na economia de termos. E curioso observar como o nominalista medieval se aproxima de uma visão da língua próxima da exposta aqui, por assim dizer, pelo lado negativo. Desprezando embora a língua, chamando-a de *flatus voeis*, assim mesmo o

nominalismo lhe reserva a enorme maioria dos processos intelectuais. A exceção, os nomes próprios, não são considerados nomes, mas significando realidades extralingüísticas. É um passo pequeno, porém decisivo, que o nominalismo nunca deu. Do nominalismo surgiu, com o tempo, a mentalidade científica moderna. Se o nominalismo tivesse dado o pequeno passo decisivo, se os escolásticos tivessem se decidido por uma ontologia fundamental da língua, se realmente tivessem aplicado o *Occam's Razor*, possivelmente todo o desenvolvimento científico teria toda uma marca diferente e mais consciente de si mesma. Teríamos, assim, talvez, evitado o falso cientificismo dos séculos XVIII e XIX.

Existe, entretanto, outro tipo de filosofar que pertence a uma camada superior da língua. Porque a produtividade da camada da conversação é limitada. Para recorrer ao gráfico, diria que a produtividade da conversação é plana, desenvolve-se em duas dimensões, estende a língua, mas não a aprofunda. Não é criadora de novas palavras, de novos elementos da realidade, não é poética no sentido *depoiesis*, de *estabelecer* (*Herstellen*) realidade. A verdadeira filosofia ultrapassa a camada da conversação e participa da camada da poesia. Neste sentido abrange e supera a ciência. Tratarei dela, pois, no parágrafo seguinte.

O clima que prevalece na camada da conversação é de intelectos realizados pelo contato com outros. Os intelectos são abertos uns para os outros, são reais não por estarem *aqui* (*.Dasein*), mas por estarem *juntos* (*.Mitsein*). Os intelectos absorvem informações emitidas por outros, isto é, aprendem e

compreendem, e emitem informações novas, isto é, articulam. Para falarmos existencialmente, os intelectos transformam as informações que lhes são *coisas* em informações que lhes serão *instrumentos*, neste trabalho produtivo deixam de ser determinados (*bedingt*), para tornarem-se livres (*bezeugt*). A liberdade do intelecto, na camada da conversação, reside em sua transformação de frases em novas informações a serem transmitidas. Neste sentido, receio que também os cérebros eletrônicos estarão livres. Não sei até que ponto os pensadores existenciais estariam de acordo comigo neste sentido. Trata-se, como se vê, de uma liberdade mecânica de reagrupamento de elementos fixos e dados. Não admira que a contemplação deste tipo insensato e absurdo da liberdade tenha provocado em pensadores honestos como Camus e, até certo ponto, Sartre, nojo e desespero. Se bem que creio que todos os existencialistas, além de ignorar, pelo menos conscientemente, as camadas superiores da língua, também subestimam a força produtiva da conversação. Subconscientemente, e quase conscientemente, com efeito, todos eles operam com as camadas superiores, e Heidegger chega quase a formular uma ontologia da língua. Entretanto, fascinado pelo *nada* e sem contato com Wittgenstein, não chega a libertar-se do domínio que a língua alemã e a grega exercem sobre ele.

Mesmo admitindo a produtividade da conversação e mesmo incluindo, dentro dessa camada, toda a atividade científica (o que não é inteiramente correto, conforme demonstrarei mais tarde), o intelecto assim realizado, somente *conversando*, é forçoso admitir, não atinge uma realização

plena. Conversando estará residindo perto do equador do nosso gráfico, estará no centro do tecido da língua, não terá dado passo algum para dela libertar-se. Sócrates, é verdade, identifica o paraíso com a conversação. Depois de ter tomado veneno estará conversando eternamente com os seus maiores. Contudo, para Sócrates, como para Heidegger, *conversação* é um termo mais amplo que o empregado aqui, se é que ainda podemos captar algo do espírito da língua de Platão. Para Sócrates conversar (*dialogein*) abrange um poder criador superior, até o da poesia. Porém este problema será tratado mais tarde. A conversação no sentido restrito, tal qual aparece no gráfico, é uma forma subalterna de realização do intelecto. Mesmo assim, é uma realização por muitos jamais alcançada. Para muitos o clima é de conversa.

Vista superficialmente, a conversa parece idêntica à conversação. Também ela consiste de redes, aparentemente formadas por frases e intelectos. Entretanto, sob análise, verificaremos que a conversa é composta de detritos da conversação que penetram imperceptivelmente, qual o detrito do *plankton* no mar, em camadas inferiores. A expressão portuguesa *conversafiada* exprime excelentemente essa situação. Heidegger, que, como já disse, se aproxima muito da formulação de uma ontologia da língua, chama essa camada de *Gerede*. A palavra alemã, porém, é inapropriada, e, em consequência, inapropriado é também o conceito heideggeriano. A camada da conversa tomou as frases da camada conversação *fiado*. Frases formuladas por intelectos participando da conversação são apanhadas por pseudo-intelectos participando da conversa, sem jamais serem

inteiramente apreendidos e compreendidos. Digo *pseudo-intelectos* porque nesta camada um verdadeiro intelecto não chega a realizar-se. São fantoches, imitações de intelectos, intelectos embrionários, algo quase real, porém ainda abaixo do equador da realidade. Do ponto de vista dos intelectos em conversação, estes pseudo-intelectos não estão juntos (*Mitsein*), mas estão diante da mão (*vorhanden*), serão realizados somente dentro dos intelectos em conversação na medida em que estes forem apreendidos e compreendidos. Assim, vistos a partir da camada da conversação, as redes da conversa são produtos da decadência das redes da conversação. São os espectros quase reais da autêntica conversação, são conversações frustradas.

O clima, dentro dessa camada, é o clima fechado da angústia. Os intelectos (se é que podem ser assim chamados) não absorvem as informações que sobre eles se precipitam, nada apreendendo e compreendendo. Simplesmente refletem essas informações mecanicamente, como se fossem bolas de bilhar, e assim surge a conversa. As informações tomadas *afado* da conversação, são empurradas, não digeridas, de pseudo-intelecto para pseudo-intelecto, e são distorcidas e deturpadas neste processo. Os pseudo-intelectos, fechados sobre si mesmos, são um brinquedo das informações que sobre eles se precipitam. Inteiramente circundados, cercados pelas informações não apreendidas e compreendidas, são estes pseudo-intelectos angustiados completamente determinados *pelas coisas*: não têm liberdade. Já por isto não são reais, no sentido autêntico dessa palavra. Os cérebros eletrônicos serão mais reais do que estes pseudo-intelectos.

Um imagem infernal a que acabo de pintar daquilo que, afinal de contas, pode ser uma grande parte da “humanidade”. E a imagem que devemos aceitar, queiramos ou não, se formos dar crédito aos existencialistas. Embora estes talvez não o digam (e nem o saibam conscientemente), é essa sua imagem à luz de uma análise ontológica da língua. Nega a qualidade da *realidade* a uma grande parte da humanidade e degrada-a ao estágio de *coisa*, isto é, instrumento potencial dos intelectos realizados. Pode ser descoberto um erro neste argumento?

Creio que o erro se esconde novamente na simultânea superavaliação e pouca avaliação, em breve, na incompreensão da língua por parte dos analisadores. A conversa é uma camada da língua que pode ser superposta a outra. O intelecto, à medida que se realiza na conversação, está emergindo das camadas inferiores da língua. E à medida que é frustrado em sua tentativa de realizar-se conservando, decai para camadas inferiores. *O intelecto realizado, não o esqueçamos, é o aspecto subjetivo da língua*. É, tal qual a língua, um processo. Visualizamos esse processo da seguinte forma: os intelectos realizados em conversação projetam-se da camada da conversa ou tendem a decair nela. À medida que são realizados, participam da conversação, isto é, apreendem, compreendem e articulam. À medida que ainda não são realizados, ou à medida que não conseguem mais realizar-se, deixam de apreender e compreender, refletem surdamente frases, participam da conversa. À medida, portanto, que são realizados, são livres, e à medida que ainda ou já não são realizados, são determinados. O intelecto,

sendo um processo, só é real na medida em que participa da conversação, e a conversa é somente o último estágio irreal, logo fictício, na realização do intelecto. Em nosso gráfico tudo que fica abaixo do equador da realidade é fictício neste sentido, é língua inautêntica. O limbo da conversa é, pois, um mito.

Entretanto, este mito torna-se realidade quando apreendido e compreendido pelo intelecto em conversação. A análise da língua, portanto, tal qual é empreendida aqui, realiza o mito. Não como algo existente de certa forma fora do intelecto realizado em conversação, e nisto reside o erro dos existencialistas, mas como um horizonte imediato e sempre ameaçador do próprio intelecto. A conversa fiada não é algo ontologicamente independente, alguma parte da humanidade *em si* desprezível e utilizável, mas é o ponto muito real, por ser parte do intelecto realizado, onde este pode diluir-se no nada. O ponto, para falarmos novamente como os existencialistas, onde o *Eu* pode decair e transformar-se em *a gente* (*man*).

As zonas *conversação* e *conversa* são as únicas que foram investigadas mais ou menos conscientemente pela análise existencial e, conforme creio ter mostrado, o foram de maneira pouco satisfatória. Era, portanto, necessário limpar o terreno. Em conclusão posso dizer o seguinte: o intelecto, quando se realiza, não o faz de forma abrupta, surgindo do nada da potencialidade como Palas Atena da cabeça de Zeus. Tampouco o faz de forma irrevogável, mas está sempre ameaçado de decair para o nada do qual surgiu. Emerge gradativamente, passando por diversas zonas de uma

língua *in statu nascendi*. Melhor dito: ele próprio é o aspecto subjetivo dessa língua *in statu nascendi*. Como já me esforcei por dizer no primeiro capítulo: esta tentativa de descrever a origem do intelecto, essa tentativa, pois, de ultrapassar intelectualmente o intelecto, é uma analogia, um mito. Mas a esta altura do argumento não é mais paradoxal essa tentativa. A análise da língua, por seu próprio caráter, o permite. Essa análise desvenda a zona da conversa fiada como sendo a zona da língua imediatamente anterior ao emergir do intelecto, e a zona da conversação, dentro da qual o intelecto começa a realizar-se. A comparação das duas zonas, que a análise da língua permite, mostra algo do caráter do intelecto: sua produtividade quando realizado em conversação, sua improdutividade quando ainda (ou já) em conversa, sua liberdade quando em conversação (liberdade algo restrita), sua determinação quando em conversa, seu estar junto com outros intelectos quando realizado em conversação, sua angústia solipsista quando em conversa. A terrível tautologia da língua, repetição do eternamente idêntico, que aterrorizou Wittgenstein, e que caracteriza, sob outro ângulo, o pensamento nietzscheano, é o clima da conversa fiada. É que para Wittgenstein a língua se resume em conversa fiada, e para Nietzsche a vontade de poder (isto é, o intelecto *in statu nascendi*) torna-se vontade ao alcançar o poder, portanto nunca chega à conversação autêntica, mas sempre recai na conversa fiada. O desespero de Wittgenstein é fruto de sua ignorância das camadas superiores da língua e de sua conseqüente supervalorização da conversa fiada. Desconhecendo a conversação, tem ele de incluir, por exem-

pio, a ciência dentro da conversa fiada. Daí seu ceticismo racionalista. Heidegger ultrapassa, neste sentido, tanto Nietzsche como Wittgenstein e distingue as duas camadas. Contudo, sua análise ontológica é falha. Não apreciando a mera potencialidade da conversa fiada (embora chamando - a de inautêntica, e inautêntico = não real), chega a uma ética inaceitável. Sob o prisma da presente análise, porém, tanto o pessimismo wittgensteiniano e nietzscheano quanto ao valor epistemológico da língua (ou vida, como diria Nietzsche) como o pessimismo heideggeriano quanto ao valor ético da língua (ou existência, como diria Heidegger) se dissipam. Entretanto, nosso otimismo não é ilimitado. O intelecto que se realiza em conversação cria realidade, porém uma realidade limitada, e está sempre ameaçado de ser aniquilado pela conversa fiada. A contemplação de outras camadas da língua deverá trazer mais luz sobre o processo da realização do intelecto, realização essa que foi compreendida como uma tentativa de superar-se a si mesmo, ampliando-se e finalmente aniquilando-se em direção contrária à da conversa fiada.



2* Poesia e salada de palavras

Ao norte da zona *conversação*, no gráfico, coloquei uma zona que chamei *poesia*. Esta denominação exige uma explicação um pouco mais detalhada. A palavra provém do grego *poietés* (aquele que produz algo) *epoiein* (fazer, no sentido de *estabelecer*). Sua tradução para o alemão é o *Dichtung* (adensamento, cerração, calefação). De acordo com a defi-

nição de *poesia* oferecida pela Encyclopaedia Britannica, ela é a *expressão concreta e artística do intelecto humano em língua emocional e rítmica*. No mesmo artigo encontra-se a seguinte linha de George Elliot: *Speech is but broken light upon the depth of the unspoken* (a língua não passa de luz rompida por sobre as profundezas do inarticulado). Embora esta linha não seja citada pelo articulista da Encyclopaedia com essa finalidade, creio que ela representa bela aproximação de uma definição da poesia, feita por um poeta. Acrescentarei minha própria tentativa de definir poesia: *ela é o esforço do intelecto em conversação de criar língua*. Por estas considerações, mais tarde a serem iluminadas, resolvi dar esse nome à zona sob estudo.

Tomando emprestado um conceito biológico, direi que a poesia é uma mutação da conversação. Como nas mutações de espécies biológicas, a filogênese descobre semelhanças e parentescos entre conversação e poesia. Entretanto, não pode haver dúvida de que a poesia é uma nova espécie de língua. Platão diz que o pensamento é uma conversação do intelecto consigo mesmo. Sendo Platão poeta, podemos interpretar este pronunciamento como uma teoria filogenética da poesia, teoria essa baseada na introspecção. Platão parece dizer que a interiorização da conversação resulta em *pensamento*, isto é, para Platão, pensamento filosófico, que, no seu caso, é poesia. Tomemos esta interpretação da frase platônica como ponto de partida da investigação da camada *poesia*, sem preocupação por sua *validade objetiva*.

Que vem a ser esta interiorização da conversação? A conversação foi ilustrada como uma rede composta de inte-

lectos que absorvem e emitem frases. A interiorização da conversação poderá ser visualizada de duas maneiras: como um inchar do intelecto até este abranger os fios da rede, ou como um recolher, um encolher, *alar* da rede para dentro do intelecto. A palavra alemã *Dichtung* sugere a segunda imagem. Aprofundemo-nos um pouco nessa imagem, tal qual a língua alemã a provoca. A rede da conversação está sendo recolhida, encolhida (*eingeholt*). Ela encolhe, torna-se densa (*tuird dichter*). As malhas da rede se fecham, ela torna-se impermeável (*wirddicht*). A rede mudou, tornou-se poesia (*Dichtung*). O pescador, o intelecto, pode agora reparar (*ueberholen*) a conversação, pode ultrapassá-la.

Esta, a imagem que a língua alemã oferece. De acordo com ela é a poesia a rede da conversação recolhida, encolhida, impermeabilizada e superada pelo intelecto. Os quatro estágios da transformação são importantes para o entendimento da poesia: (a) a conversação recolhida significa uma mudança de clima. O intelecto não está mais junto com outros intelectos, mas isolado sobre si mesmo. Trata-se, porém, de um isolamento de todo diferente do isolamento prevalecente na conversa fiada; (b) a conversação encolhida significa uma concentração da língua. Sua estrutura torna-se mais densa, surgem novas ligações entre as partes, surgem novas regras. Em consequência, o intelecto parece submetido a novas limitações, sua liberdade parece mais restrita. Trata-se, porém, de uma restrição de todo diferente da falta de liberdade prevalecente na conversa fiada; (c) a conversação impermeabilizada significa a impenetrabilidade da língua pelo intelecto. Sua estrutura

tornou-se densa de tal maneira que impossibilita sua análise pelo intelecto. Toda tentativa de analisar a língua neste estágio a afrouxa e lhe destrói a qualidade de impermeabilização, isto é, a qualidade poética. A capacidade de apreender e compreender do intelecto parece, portanto, diminuída. Trata-se, porém, de uma diminuição de todo diferente da incapacidade prevalecente na conversa fiada; (d) a conversação superada significa uma mudança da posição do intelecto. Ao invés de estar ele englobado pela língua, como o nó pela rede, abrange a língua, como a mão que segura a rede encolhida. A língua está à mão (*zuhanden*), tornou-se instrumento. Resumindo, posso dizer: o poeta (*Dichter*) recolheu a conversação sobre si mesmo, isto é, recolheu-se sobre si mesmo, concentrou-se sobre si, impondo-se novas limitações; está dentro de uma cerração impenetrável, que, quando penetrada, se dissipa em conversação comum e perde seu significado, e usa essa língua impenetrável como instrumento.

A palavra *Dichtung* ilustra, portanto, a filogênese, o surgir da poesia. A palavra *poesia* ilustra seu funcionamento. A palavra *poiein* (fazer, produzir) deve ter raiz comum com a palavra latina *ponere* (pôr). O poeta é, pois, um positor, que fornece a matéria-prima para os compositores, isto é, os intelectos em conversação. Do ponto de vista da poesia é a conversação, inclusive a científica e filosófica do tipo já mencionado, uma variação sobre temas propostos pela poesia. O poeta propõe, a conversação compõe. Deste ponto de vista devemos dizer que a conversação é a cerração poética dissipada, portanto apreendida e com-

preendida. A atividade da conversação é prosaica (de *prorsus*, plano), restringe-se a duas dimensões, espalha a realidade num plano. A atividade poética é produtiva *sensu stricto*, arranca algo (es) das profundezas do inarticulado (Elliot: *The depth of unspoken*). Produzir vem *deproducere* (levar para a superfície). A poesia é, pois, a produção da língua. De onde produz o poeta a língua? *Ex nihilo*, daquele nada indizível que é o Alfa e o Omega da língua.

Peço ao leitor consultar o gráfico. Dada a posição da zona da poesia dentro do contexto da língua, isto é, afastada do nada em ambos os polos, como pode a poesia subir ou descer até o nada para dele arrancar nova língua? Os antigos o sabiam: graças às musas. Os poetas, essas bocas das musas, são os canais através dos quais o nada se derrama por sobre a língua, realizando-se nela. A poesia é o lugar onde a língua suga potencialidade, para produzir realidade. Devemos, portanto, imaginar nosso gráfico como tridimensional. O globo da língua gira no nada e está em contato com ele em toda a sua superfície. Na zona da poesia a língua, densa e impenetrável em sentido horizontal, torna-se, por isso mesmo, aberta em sentido vertical, abre uma boca. O nada penetra por essa abertura, gota a gota, em momentos de *inspiração*, e realiza-se em língua. O poeta, essa boca aberta em admiração (*Propter admirationem enim et nunc et prius homines principibant philosophari* - é por causa da admiração que os homens começavam a filosofar antiga e atualmente: Aristóteles), é o lugar onde a língua inspira o nada e o transforma em nova língua. Essa nova língua, incompreensível por densa demais, desce para a camada da

conversação para ser diluída, a fim de ser apreendida e compreendida. Assim, a conversação não passa de uma crítica elucidativa, embora consciente, da poesia.

Esta a imagem que a análise da palavra *poesia* oferece. Uma análise da palavra tcheca *báseň* (poesia) provavelmente abriria novas vistas sobre a mesma camada da língua. Entretanto, a visão que já conseguimos deve bastar para a nossa finalidade. Tentemos resumi-la: filogeneticamente a poesia surge da conversação, recolhendo-a, encolhendo-a, impermeabilizando-a e superando-a. Funcionalmente a poesia é a criação de nova língua a partir do nada que cerca a língua de todos os lados, língua essa em si incompreensível intelectualmente, mas tornada compreensível após a sua diluição na conversação. Assim tornada mais palpável, podemos agora tentar orientar-nos dentro dela.

Direi que a camada da poesia conforme aqui foi esboçada abrange tudo aquilo que é chamado, comumente, de *originalidade*. Essa palavra é apropriada, já que indica que a poesia é o lugar onde novas frases têm sua origem. Em alemão teria dito que a poesia abrange a zona do *Einfall* (incursão no sentido de pensamento original). Abrange, portanto, toda a poesia autêntica *sensu stricto*, abrange a filosofia produtiva, e abrange aquelas fases da ciência onde novos conceitos são formulados. É por esta razão que relutava em incluir toda a ciência na camada da conversação. Em outras palavras: poeta é aquele que tem (e transmite para dentro da conversação) pensamentos *novos*. O problema reside nesta palavra *novo*. Qual é esta qualidade de novidade que distingue os pensamentos poéticos dos pen-

sarmentos prosaicos? Não pode residir em uma nova composição de elementos já existentes, porque esta é a atividade normal da conversação. A novidade deve residir na imposição de novas regras, de acordo com as quais os elementos serão doravante compostos, e na criação de novos elementos da língua. Assim, a atividade poética é dupla: impõe novas regras e novas palavras (conceitos). Seus pensamentos (frases) são novos porque contêm elementos novos (conceitos novos) ou regras novas (gramática nova). Assim deve ser interpretada a famosa frase de Carlos Magno: *Ego, Imperator Germanorum, supragrammaticos sto* (Eu, imperador dos germanos, estou acima dos gramáticos). Neste momento, Carlos Magno era poeta. Em resumo: poesia é criação de novos conceitos (palavras) e novas regras. A partir desta definição podemos chegar a uma compreensão mais nítida da liberdade. Pela criação de novas regras a liberdade de criação (única liberdade autêntica), longe de ficar reduzida, torna-se mais ampla. As regras novas possibilitam novas composições de elementos e aumentam o território da livre escolha. A falta de regras, longe de representar liberdade, representa o caos do acaso, no qual toda livre escolha é vedada pela impossibilidade de prever as consequências da escolha. Por conseguinte é a atividade produtiva da poesia, impondo regras novas e conceitos novos sobre a língua, uma atividade criadora de liberdade. Os intelectos em conversação são progressivamente mais livres, à medida que absorvem as regras e os conceitos novos que lhes são transmitidos pela poesia.

O isolamento no qual o poeta se encontra é aparentemente tão ilusório quanto sua perda de liberdade. Ele é tão

isolado dos intelectos em conversação quanto o são as vanguardas dos exércitos em avanço. O poeta representa aponta da cunha que a conversação força para dentro do indizível. Os poetas são os nossos bandeirantes, que se expõem, em nosso benefício tanto quanto no seu, ao perigo da aniquilação pelo indizível. Longe de estarem isolados, são, justamente por terem se recolhido, os condutores da conversação. O perigo da exposição do poeta ao influxo imediato do nada é constante e iminente. Enquanto que o perigo do intelecto em conversação é a decaída na conversa fiada, o perigo do poeta é a queda mais abrupta na salada de palavras, tão típica da loucura.

Em seu romance *Dr. Faustus*, Thomas Mann introduz uma cena (o discurso junto do piano) que ilustra essa queda abrupta de forma genial. As cartas de Nietzsche no momento do início de sua loucura, aquelas que ele assinava como *Christus Imperator*, são um exemplo extremo daquilo que tenho em mente. Estes exemplos podem ser facilmente multiplicados. Há uma vasta literatura sobre o tema *gênio e loucura*. Coloquei a zona da *salada de palavras* ao sul da conversa fiada. Tentarei agora penetrar nessa camada da língua.

Aquilo que a psiquiatria chama de *dementia praecox* é, visto a partir da língua, uma dissolução, e portanto um aniquilamento do nó do intelecto. Os fios de frases (pensamentos) que, ao encontrar-se e cruzar-se, formam o intelecto, separam-se repentinamente, e o intelecto se dissolve. No lugar da rede da conversação, onde antes estava o nó, abre-se, de repente, o abismo do nada, dentro do qual flutuam destroços de frases, uma realidade aniquilada, a sa-

lada de palavras. Em nossos dias o intelecto analisador, afastado como está da origem da língua, estuda este fenômeno com distância aparentemente calma. Entretanto, postos frente a frente com este aniquilamento do intelecto, presenciando a salada de palavras tal qual jorra da boca do nada, ou observando o caos superorganizado das pinturas dos dementes, sentimos ainda hoje aquele *mysterium tremendum* (aquele mistério que faz tremer) que os antigos experimentaram ao considerar os loucos como *santos*. O clima da zona da salada de palavras é o clima do medo, do tremor e do ranger de dentes. Há um poeta filósofo que se expôs voluntariamente à influência imediata do nada, totalmente consciente de que nessa exposição reside a autêntica, embora paradoxal, produtividade. Este filósofo é Kierkegaard. Em consequência, sentiu-se sempre e imediatamente ameaçado pela queda para dentro do aniquilamento da salada de palavras. Seu livro *Medo e Tremor* é uma visão a partir da camada da poesia para dentro da camada desse tipo de aniquilamento.

Aparentemente, há nela completa liberdade. As palavras juntam-se e separam-se sem nenhuma regra aparente. Mas esta liberdade caótica é justamente sinal da completa impossibilidade de escolha. O *aut-aut* kierkegaardiano não pode funcionar nesta região dilacerada da língua, onde tudo é possível e nada necessário. Os restos despedaçados do intelecto, vagando e divagando por sobre o nada, dissolvem-se progressivamente nele. À medida que desaparecem as regras, desaparecem também os elementos da língua. A língua torna-se mais pobre, na medida em que se torna desorgani-

zada. Há frases frenéticas neste estágio, durante o qual são construídas estruturas auxiliares fantásticas e são inventados elementos linguísticos fantásticos, caricaturas da atividade poética, que se espelham nas escritas e nas pinturas pseudo-organizadas dos loucos. São inautênticas porque, ao invés de surgir do nada, tendem para ele. Embora de difícil análise intelectual, sua inautenticidade é sentida imediatamente. Mais uma prova da impenetrabilidade da qualidade poética pelo intelecto. Em breve: a zona da salada de palavras, essa zona da língua dilacerada, é, até certo ponto, um espelho da zona da poesia.

Resumindo o que ficou esboçado neste parágrafo, diria o seguinte: o intelecto em conversação, em sua liberdade limitada pela camada na qual se encontra, tende a superá-la, superando-se, desta forma, a si mesmo. Recolhe-se sobre si, conversa consigo mesmo (Platão) e transforma, destarte, a língua em seu instrumento. A língua, assim transformada, se permite ser superada pela poesia, isto é, assim encolhida a língua deixa uma abertura dentro do intelecto através da qual o nada pode realizar-se. Mas expõe, desta forma, o intelecto ao nada, o qual, não suportando esse impacto, pode decair na demência da salada de palavras, que, como diz a palavra *demência*, é uma forma de aniquilamento do intelecto. *Poesia* é tudo aquilo que traz originalidade, isto é, pensamentos novos, para dentro da conversação, portanto é aquilo que chamamos de poesia *sensu stricto*, é filosofia produtiva e é fase hipotética da ciência (entre outras contribuições poéticas que não foram analisadas). Entretanto, o intelecto na camada poética não está inteiramente realiza-

do. Está, é verdade, exposto ao nada, e neste sentido supera a língua. Contudo, está como que prostrado diante do nada em admiração muda, esperando ser *inspirado*. A procura ativa do nada pelo intelecto, o seu desejo de aniquilamento, serão objeto do estudo do parágrafo seguinte.

3- Oração e balbuciar

No gráfico, chamei a camada ao norte da *poesia* de *oração*. Esta palavra provém do latim *os* (boca) e significa, aproximadamente, *uso consciente e autêntico da língua*. O orador é aquele que apreendeu e compreendeu o uso da língua e agora se serve dela. Mas essa palavra ainda tem um significado aparentemente diferente do primeiro: significa *reza*, portanto conversação com o indizível. Todavia, creio que os dois significados são fundamentalmente idênticos: a oração é a boca da língua, isto é, a extrema articulação através da qual o indizível é abordado. Esta oração pode assumir duas formas: a forma da peroração e a da adoração. Ambas, aparentemente tão diferentes, pertencem à mesma camada, conforme me esforçarei por demonstrar. Chamarei de *peroração* aquilo que é geralmente chamado de *simbolismo matemático* e *simbolismo lógico*, e chamarei de adoração todas aquelas atividades pelas quais o intelecto aborda o indizível.

A oratória, isto é, a arte de usar a língua, fazia, antigamente, parte proeminente do currículo educacional. É uma arte que está aparentemente caindo em desuso. Durante o século XVIII foi cultivada a arte da conversação, uma espécie de oratória subalterna. Também ela está relegada ao esquecimento. Entretanto, esse descaso pela arte de falar é